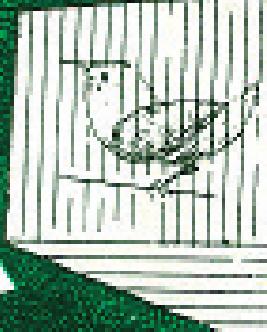


A CASA VERDE



e OUTROS POEMAS

CYRO
DE MATTOS



*Livro digital
Tradução Luiz Angélico*


Editora da UESC

Cyro de Mattos

A Casa Verde e Outros Poemas
Livro digital

The Green House and Another Poems
Digital book



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Junior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Silvia Maria Santos Carvalho

Copyright ©2015 by
CYRO DE MATTOS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

ILUSTRAÇÕES E CAPA
Ângelo Roberto

DIAGRAMAÇÃO
Deise Francis Krause

TRADUÇÃO
Luiz Angélico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M444 Mattos, Cyro de.

A casa verde = The green house / Cyro de Mattos ; [tradução de Luiz Angélico ; capa e ilustrações de Ângelo Roberto]. — 2. ed. rev. — Ilhéus, Ba: Editus, 2004.
93p. : il.

Título e texto em português e inglês.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Título.
II. Título: The green house.

CDD 869.91

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORIA FILIADA À



A Casa Verde e Outros Poemas

The Green House and Another Poems

Tradução de Luiz Angélico
Capa e Ilustrações de Ângelo Roberto

Translation by Luiz Angélico
Cover and illustrations by Ângelo Roberto

Para

Luiz Angélico,
em memória

For

Luiz Angélico,
in memory

CYRO DE MATTOS nasceu em Itabuna, cidade da região cacaueira baiana, em 1939. Poeta, contista e cronista. Publicou livros para crianças e jovens. Já publicou 40 livros e, entre eles, *Os Brabos*, contos, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras; *O Menino Camelô*, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes. Com o livro *Cancioneiro do Cacau* venceu o Prêmio Nacional Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, e o Internacional de Literatura Maestrale Marengo d’Oro, em Genova, Itália. Participou como convidado do Terceiro Encontro Internacional de Poetas da Universidade de Coimbra, Portugal. Seus contos figuram em diversas antologias no Brasil e exterior. Vive atualmente em Itabuna. Vem colaborando ativamente com poemas, contos e artigos em periódicos e revistas brasileiras. É membro da Academia de Letras da Bahia.

LUIZ ANGÉLICO é Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, onde durante trinta anos ensinou as disciplinas de Literatura Americana e Literatura Inglesa, tendo escrito artigos em Português e Inglês sobre tais assuntos e acerca de tradução, a maioria deles publicados em jornais especializados brasileiros. Tradutor amador e profissional, ele tem também ensinado em cursos sobre teoria e prática da tradução, em nível de pós-graduação. Organizou o livro “Limites de Traduzibilidade/The Limits of Translatability” (Salvador, EDUFBA, 1966), incluindo na obra dois artigos de sua autoria. Há pouco tempo finalizou a tradução para o inglês do livro “De Terre e de L’armes”, com a colaboração de A. S. Scheinowitz. Faleceu em 2011.

CYRO DE MATTOS was born in Itabuna, a city in the cocoa region of Bahia, 1939, poet, author of short stories and brazilian “familiar essays”. He published books of poetry for children. He has had 40 books published among which *Os Brabos*, a collection of short stories for which he received the Afonso Arinos Award from the Academia Brasileira de Letras; *O Menino Camelô*, Associação Paulista de Críticos de Arte Award. With his book *Cancioneiro do Cacau* he won the National Poetry Award from the União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro and the International Maestrale Marengo d’Oro, Genova, Italy. He was invited and participated in the Terceiro Encontro Internacional de Poetas da Universidade de Coimbra, Portugal. His short stories appear in several national and international anthologies. Presently he is living in Itabuna. He has participated very actively and collaborated with poems, short stories and articles in newspapers and magazines of Brazil. He was nominated as member of the Academy of Letters of Bahia.

LUIZ ANGÉLICO is Professor Emeritus of the Federal University of Bahia, where, for thirty years, he lectured on disciplines of American Literature and English Literature, having written several articles in Portuguese and in English about these subjects and about translation, most of them published in specialized national periodicals. An amateur and professional translator, he has also taught courses on theory and practice of translation at post-graduation level. He organized the book “Limites da Traduzibilidade/The Limits of Translatability” (Salvador, EDUFBA, 1966), which includes two articles of his own. He has recently finished the English translation of the book “De Terre et de Larmes”, with the collaboration of the author of the French original A. S. Scheinowitz. He was dead in 2011.

Apresentação

O livro *A casa verde e outros poemas*, de Cyro de Mattos, com tradução para o inglês do Professor Emérito da UFBA, Doutor Luiz Angélico, compõe-se de duas partes, como o próprio título indica. No primeiro momento, o poeta baiano Cyro de Mattos inspira-se na Casa Verde, que serviu de residência a Henrique Alves dos Reis (1861-1942), coronel do cacau, e sua esposa, dona Cordolina Loup dos Reis, a filha Elvira e o genro Miguel Moreira, que foi prefeito de Itabuna. Com versos despojados, de lirismo puro, o premiado poeta baiano (de Itabuna) faz uma viagem no tempo perdido e busca recuperar sua alma através do diálogo que estabelece entre a poesia e a memória, que é o lugar de onde emerge a história com as pessoas, fatos e coisas. Local de importantes decisões políticas do município, reuniões sociais e festivas, a Casa Verde tornou-se cenário de luxo e requinte nos anos 30. Preserva até hoje em seu acervo o passado da conquista e do domínio dos coronéis do cacau. O poeta recria com suficiência um tempo áureo da civilização cacaueira baiana, sugerido pelas peças e indumentárias dos séculos XIX e XX, pertencentes à família de Henrique Alves Reis. Em cada coisa que toca, em cada voz que escuta, no aroma que flui nos cômodos, na solidão de Dona Elvira, que não teve o herdeiro para prosseguir o ciclo, usa os referenciais como signos identificáveis do

homem e a vida. E filtra com densidade poética o mando e a solidão, o fausto e o triste, o efêmero e o eterno onde tudo se esconde. O segundo momento do livro é formado pelos poemas “Canto a Nossa Senhora das Matas”, “Um Poema Todo Verde”, “Morcego”, “Boi”, “Galos”, “A Roda do Tempo”, “A Árvore e a Poesia”, “Passarinhos” e “Devas-tação” (I,II). São poemas de vibrante força telúrica, puros como o chão de quem possui um modo próprio de fazer poesia universal sem perder de vistas os muros da aldeia, ou seja, por meio de *seu timbre nativo da origem tornada linguagem*, como bem sublinhou o crítico e poeta Ledo Ivo.

Há que ressaltar em *A casa verde e outros poemas* a tradução primorosa para o inglês realizada pelo poeta, ensaísta e Professor Emérito Doutor Luiz Angélico. Homem erudito, simples e fraterno, de uma atuação admirável como professor de inglês no curso de Letras da Universidade Federal da Bahia, tradutor renomado, sua tradução para a língua inglesa de *A casa verde e outros poemas* é possivelmente um de seus últimos trabalhos no setor, antes de nos deixar para outra dimensão. O poeta Cyro de Mattos ao dedicar-lhe o livro não só celebra a amizade e o apreço que tinha por ele mas presta justa homenagem a quem tanto se dedicou ao ensino do inglês na UFBA e à arte da tradução, desvendando com competência seus limites e modos para que muitos possam conhecer a linguagem de outros povos, com sua alma, seus costumes, seu cotidiano, suas dores e sonhos.

ÍNDICE

I – A Casa Verde

II – Outros Poemas

Canto a Nossa Senhora das Matas

Um Poema Todo Verde

Morcego

Boi

Galos

A Roda do Tempo

A Árvore e a Poesia

Passarinhos

Devastaçāo (I,II)

TABLE OF CONTENTS

I - The Green House

II - Another Poems

A Praise Song Unto Our Lady of the Woods

A Poem All Green

Bat

Bovine

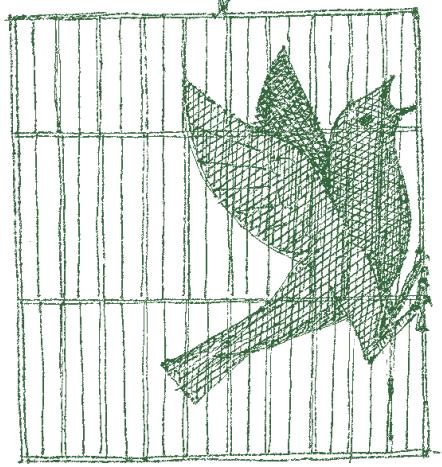
Roosters

The Wheel of Time

The Tree and Poetry

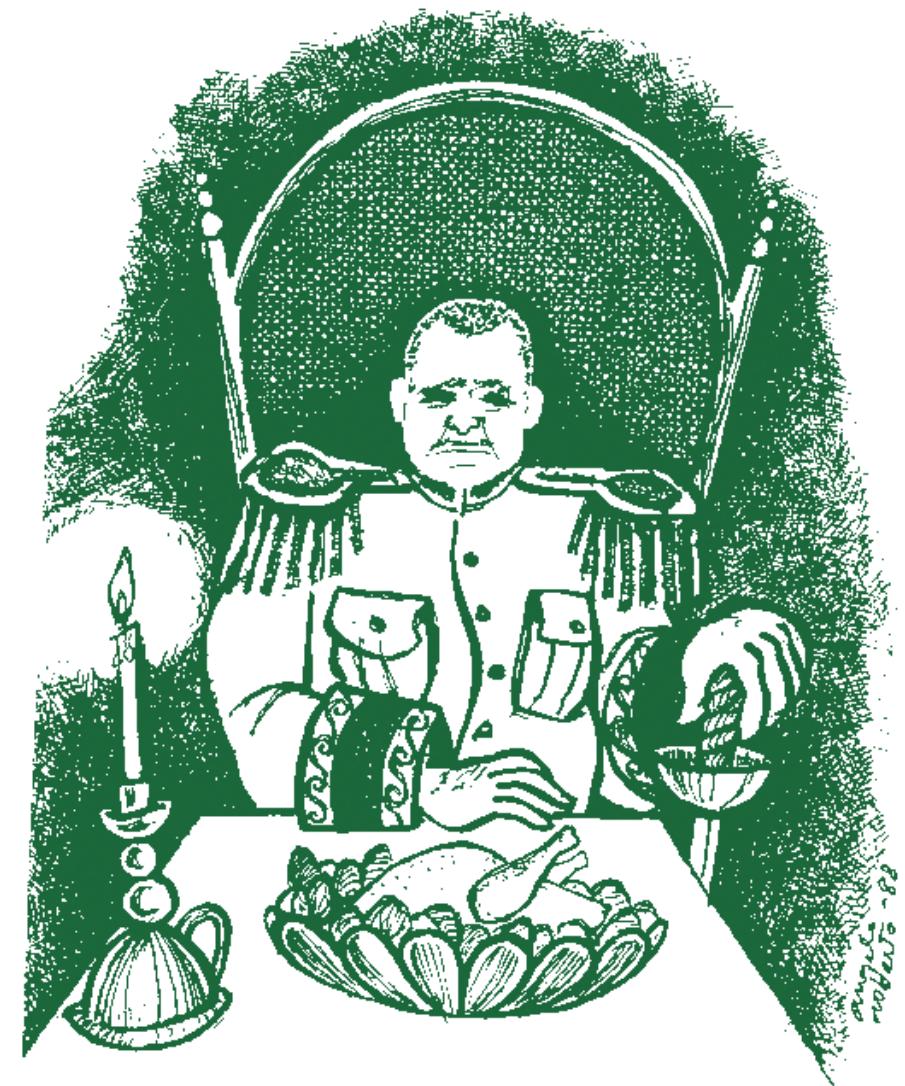
The Little Birds

Devastation (I,II)



A Casa Verde

The Green House



A Casa Verde

Com o timbre engalanado
do Coronel Henrique Alves dos Reis
no uniforme da Guarda Nacional.

Com vinte e cinco comensais
a mesa enorme de jacarandá,
as iguarias na prata castiça.

Sento-me com pessoas ilustres
e percorro a memória da cidade
acesa nas decisões políticas.

The Green House

With the adorned ensign
of Colonel Henrique Alves dos Reis
in the uniform of the National Guard.
With twenty-five companions at meals,
the very large Jacaranda-wood table,
the delicacies on the immaculate silver tableware.
I am sitting among illustrious personalities
and roaming over the memory of the town,
lit up in its political decisions



No ápice da discussão
sobre o destino que deve ter
um volume sério e gordo,
o processo acusando o Coronel
vai parar no fogo
numa cena de prazer
ante o escrivão, atônito.

At the climax of the argument
over the fortune that must befall
a serious thick volume,
the lawsuit against the Colonel
ends up in fire
in a pleasure scene
before the notary, astounded.

Eis Senhorazinha nos anais
e o dia glutão sob aplausos
quando surge na bandeja
um enorme peru assado
que de tanto brilho e recheio
entreabre bocas numa só boca
feita de baba e espanto.

And here is the young heiress in the annals
and the gluttonous day under applause
when there appears upon the tray
a huge roast turkey which,
from so much shine and stuffing,
makes mouths open into a single mouth
made up of slaver and amazement.



Ao destemor da filha do Coronel
brinda-se com licor raro,
escuta-se o tilintar do cristal,
muitos vivas e elogios sonoros,
o sol partindo-se nas gargalhadas.

To the fearlessness of the Colonel's daughter
a toast is raised with exquisite liqueur,
the chinking of crystalware is heard,
lots of hip, hip, hoorays and sonorous praises,
the sun splitting in peals of laughter.

O fausto instalou o seu reino
Nos cômodos de Dona Cordolina.

Luxury installed its reign
within rooms of Dona Cordolina's.



Na mobília austriaca,
no cristal da Baviera,
nos bibelôs da França,
na porcelana da China,
um sertão de iluminuras
viaja por alto mar,
de Ilhéus a Itabuna
em lombo de burro
recende por atalhos e trilhas.

In the Austrian furniture,
in the crystal from Bavaria,
in the bibelots of France,
in the porcelain of China,
a hinterland of pictorial ornamentation
travels along the open sea;
from Ilhéus to Itabuna
on donkey's back,
scenting the air by shortcuts and trails.



Fluindo sândalo nas salas
o ar feliz das sempre-vivas.
Tecer do tempo na seda sinto.

Sandalwood flowing about the rooms,
the happy air of evergreen flowers.
I feel the weaving of time in the silk.



ingelie
2015-18

A valsa no gramofone,
chapéus com plumas de ave-do-paráíso,
suspiros de coração que voa.
Brilha na menina dos olhos
o amor e seus caprichos.

The waltz in the gramophone,
hats with bird-of-paradise plumes,
sighs of a flying heart.
In one's eyeballs
love and its whims are shining.

No pasto manso da noite
a lua com manadas de estrelas,
frescor silvestre embriaga o sono
da cidadezinha que adormece cedo.

In the quiet pastures of night
the moon with its herds of stars,
the freshness of the fields inebriating the sleep
of the little town that goes to bed early.

Ausculo, na alcova de Dom Miguel,
ranger de lençóis de Dona Elvira.

I can hear, coming from Dom Miguel's bedroom,
vigorous rustlings of Dona Elvira's bed linen.

Urdido o sonho com calor
e sentimentos ricos
que seja um varão forte
e como elo amanheça
na terra fecunda
para prosseguir o ciclo.

The dream interwoven with warmth
and rich sentiment,
may there be a strong male
and may he be a dawning link
in the fecund earth
to carry the cycle forward.



Ah! Shadows and solitude
sucking my saddened bosom,
the offspring that never came...

Ai, sombras e solidões
a sugar meu peito entristecido
o rebento que nunca veio...

Solemn landscape,
the clock's hands
move upon the wall.

Paisagem grave
ponteiros do relógio
movem na parede.

Em cada coisa que eu toco,
em cada voz que eu escuto,
em cada sombra que eu adivinho,
há o gesto longínquo
de um certo pássaro presente
que canta a meu ouvido
e invisível ganha o silêncio.

In each thing I touch,
in each voice I listen,
in each shadow I divine,
there is the distant gesture
of a certain bird that is present,
singing onto my ear,
and invisible gains silence.



Na selva indômita
o traço do bordado
como foi possível?

In the wild jungle
the thread of the embroidery,
how was it possible?



Angelo
Roberto - 88

A flor já não tresscala,
o pássaro não canta,
um rio não passa.

The flower no longer smells,
the bird sings no songs,
no river flows by.

Estranha vertigem
De ser aroma
No meio do círculo.

Strange vertigo
from being an aroma
in the middle of the circle.

Tudo se esconde.



48

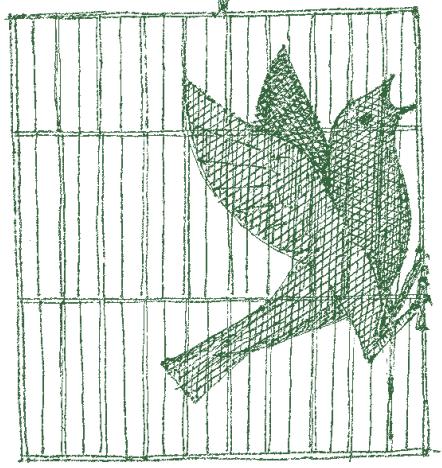
Everything is hidden.

49

A noite sabe todas as carícias.

Night knows all caressing touches.





Another Poems

Outros Poemas

Canto a Nossa Senhora das Matas

Já estão alegres os bichos
da bem-amada nas serras,
chão de cardo brota a flor,
tronco morto vira árvore,
o gavião manso amanhece.
Tudo é canto pelos ares,
lábios que o beijo acendem
no seio fresco da mata.
Tom suave adorna o dia,
ramo de luz sempre verde.
Jasmim tecido no sonho,
fruta doce no colo virgem.
Riacho quando mina na pedra
passa sereno na baixada,
nave da noite com a lua
no areal derrama prata.
Formosa serrana, diáfana,
não há trégua nesses ais,
cardumes morrendo à toa,
a cachoeira chorando suja.
Sob as asas maternais acode
o sol pálido que tosse,
o índio extirpado da taba,
os passarinhos na gaiola.
Arminho protetor do filhote,

A Praise Song unto Our Lady of the Woods

Now joyful are the animals
of the dearly beloved up on the hills,
on thistle-covered ground the flower blooms,
dead trunk turns back into tree,
the tame hawk awakes.
There is only singing all about the air,
lips that light up the kiss
in the fresh bosom of the woods.
A mild shade adorns the day,
branch of light always green.
Jasmine woven into the dream,
sweet fruit in the virgin bosom.
A streamlet undermining the rock
serenely goes by along the plain,
moonlight night ship
sheds silver about the sands.
O fair, translucent lady of the mountains,
there is no relief for those moans:
large schools of fish dying for no reason,
the waterfall uncleanly weeping.
Do receive under motherly wings
the pallid coughing sun,
the Indian expelled from his settlement,
the passerines in the cages.
Ermine protecting its younglet,

dia de flor de laranjeira,
na haste suspensa e leve
reabre, senhora, passo de baile
do beija-flor com a rosa.

Já não sai do oco a coruja,
do azul a garça como noiva,
carcará não pega, mata e come.

Jacaré não choca na lagoa
e a memória do couro abala
o meu ser ferido de desejo
das águas puras e profundas.

Mastruço, capim-santo, alfazema,
alívio de repetidas penas,
cura-me dos grandes clamores
nas visões da flora exilada,
nas ruínas da fauna sombras.

Desde nosso irmãozinho grilo
na relva da macia madrugada
ao rumor azul das andorinhas
quando vinha a Primavera
trissando a manhã luminosa.

A alma flamante dos girassóis
e o sabor das goiabas maduras.

Quando a mata for deserta,
não mais se colher a flor,
o rio se esconder da chuva,
a terra dormir amarga

day of orange blossoms;
in the light hanging stalk
restart, o lady, the ball step
of the humming bird with the rose.
The owl no longer leaves its hollow
nor out of the blue the bridal heron;
the carcará no longer grabs and kills and devours its prey.

Nor the crocodile hatches in the lagoon any more,
and the memory of the leather makes
my body shake, wounded by desire
of the deep pure waters.

Bitter cress, holy grass, lavender,
relief from repeated sorrows,
free me from great demands and claims
at the vision of the exiled flora
and the somber ruins of the fauna.

From our little brother cricket
upon the grass of the soft dawn
to the blue rumor of the swallows
when springtime came
chirping the luminous morning.

The flaring soul of sunflowers
and the flavor of ripe guavas.

When the wood is deserted
and the flower is picked no more,
when the river hides from the rain,
the earth sleeping bitterly,

e de Deus não cair a lágrima
será esta a triste música?

Nessa luta contra o mal
pelos quatro cantos do sol,
pelos quatro prantos da lua,
te fazendo verde nas nuvens
molha a vida fera e solitária.

Ó abelha misericordiosa,
pousa em mim a esperança,
em cada palma da mão
a operosa colméia sonora.

Guardiã do mico-leão,
tamanduá-bandeira, chorão,
quero-quero, preguiça,
ararinha azul, anta.

Embora fujam do verde
odores do que me encanta
além o azul inocente ressoa.

Penetra-me de vento e chuva,
hora telúrica de outrora,
com que emoção bendizia
mão cheia de rações várias,
no crispar de casulo sopra
ajuste de brilho na fábula,
sinais de frescor na amora.

Afugenta o raio assassino
como a corça diante da onça.

and no tear falls from God's eye,
shall this be the sad music?

In that struggle against evil
about the four corners of the sun,
about the four moans of the moon,
making thee green in the clouds
wet life wild and lonely.

O merciful bee,
make hope perch upon me;
in each palm of my hand
the laborious resonant beehive.

Guardian of the little ceboid monkey.
great ant-hunter, small weeping parrot
little Brazilian lapwing, two-toed sloth,
little blue macaw, tapir.

Although running away from the green
odors of that which enchants me,
the innocent blue resounds far away.

Penetrate me with wind and rain,
telluric hour of old,
with what emotion I used to bless
a handful of various rations;
in the crisping of the boll there whispers
an adjustment of brightness of the fable,
signs of freshness in the mulberry
Chase the murderous lightning away,
rid the doe of the jaguar.

Diz-me: nunca mais! nunca mais!
Equilibra frêmitos e lamentos,
os animais vivem à sua maneira
como simples notações do amor.
Em teu percurso de planta
o dia e a estrela clareia,
desarma na capoeira o alçapão,
apaga o fogo na queimada.
Ó seda levando voz perfumada,
sol, chuva, arco-íris, aurora.

Please say to me, “Nevermore! Nevermore!”
Balance shivers and laments,
the animals live their own way
as simple notations of love.
In thy natural plant course
clear up the day and the star,
disarm the trap in the glade,
put out the fire in the forest clearance.
O silk, carrying a perfumed voice,
sun, rain, rainbow, daybreak.

Um Poema Todo Verde

O verde de todas as chuvas
Escorrendo em chão de infância
Amado nas flores ideais.

O verde de todos os ventos
Brincando na várzea intensa
Amanho de eterna paz.

O verde de todos os pássaros
Cantando na irmandade dos ares
Aragem de rações iguais.

O verde de todos os sóis
Iluminando geografias impossíveis
Armadura de colheitas matinais.

Carregado de verde nas nuvens
Molhar o mundo fero e solitário
Pelos quatro cantos cardeais.

A Poem All Green

The green of all the rains
Draining in childhood's ground,
Beloved by ideal flowers.

The green of all the winds
Playing about the intensely grassy field,
Tillage of eternal peace.

The green of all the birds
Warbling among the brotherhood of the airs,
Good fortune of equal rations.

The green of all the suns
Illuminating impossible geographies,
Armor of morning harvests.

Loaded with green up in the clouds
Wetting the wild solitary world
About the four cardinal corners.

Morcego

Minha voz é a voz
Que carrega a mata escura,
Minha asa é a asa
Que peleja contra a noite,
Minha fome é a fome
Que voa cega e assustada,
Meu verso é o inverso
Que me carrega em cio e treva,
Minha busca em que me busco
Se revela na face obscura.

Bat

My voice is the voice
that bears the dark woods
my wing is the wing
that fights against the night
my hunger is the hunger
that blindly frightenedly flies
my verse is the reverse
that bears me in rut and darkness
my search in which I search myself
reveals itself in its obscure face.

Boi

Deu adeus à flor.
Culpado, mas sem pecado,
Morre sem rancor.

Síntese de boi:
Pasta em conserva de lata.
Verde que se foi.

Teus mudos mugidos
Em mim ressoam
Estes verdes idos.

Bovine

Saying goodbye to the flower,
Guilty but sinless.
It dies without rancor.

A synthesis of the ox:
Canned paste preserves.
Green that is gone.

Thy mute moos
Reverberate within me endlessly
In these green gone days.

Galos

Melhor tê-los no seu clarim da aurora
Anunciando claras madrugadas,
Observá-los rubros com bico e espora
Nas rações benditas, multiplicadas

Por mãos de orvalho, telúricas na hora
Sem rinha e rude medo das caçadas.
Melhor senti-los nos quintais de outrora,
Pluma escavando o verde das jornadas

Do que encontrá-los na multidão roucos,
Incolores no alto, no asfalto loucos
Ou sabê-los solitário das noites

Que passam sempre anônimas e tristes.
Vê-los tão emudecidos na sorte
Imutável que os tomba para a morte.

Roosters

Better have their clarions before daylight
Heralding the dawn approaching clear and bright,
Watch them ruby-red with their beaks and spines
Into blessed rations always, always fine

By hands of dew multiplied in their telluric phase
Far from the cockpit and the brute fear of the chase.
Better feel them in the backyards of yesterdays
Plumes digging the green of the day's work away.

Than find them raucous during the cock fights,
Colorless in urban areas, crazed on the asphalt,
Or to hear of their solitude throughout the nights,

Which are always anonymous, always regrettable,
And to see them silenced by the fortune inevitable
Immutable that drives them down to death.

A Roda do Tempo

Criei vaga-lumes
Paravê-los à noite
Brilhando no quarto.

Nadei como um peixe ágil
Nas águas mais claras
Do Rio de Água Doce.

Como um pássaro
Tive cada vôo
Com o vento mais alto.

Andei como bicho solto
Sem ter medo de nada
Nos caminhos do mato.

Mas a infância tem o sabor
De uma fruta que termina
Na idade dos homens.

The Wheel of Time

I have reared fireflies
To see them at night
Shining in my room.

Nimble fish I have swum
In most clear wells
Of the Fresh Water River.

I have wandered like a stray
With fear of nothing
In the paths of the bush.

Like a bird
I have tried each flight
With the highest wind.

But childhood has the flavor
Of fruit that ends
In the ages of manhood.

A Árvore e a Poesia

A árvore dá as flores
A poesia dá no perfume
Os fios sem fim do sonho

A árvore dá os frutos
A poesia dá as palavras
Onde põe suas verdades

A árvore dá a casca
A poesia dá as rugas
Do tempo no galope

A árvore dá as folhas
A poesia dá nas visões
As vestes da vida e da morte

The Tree and Poetry

The tree produces the flowers
Poetry yields the perfume
The endless threads of dream

The tree yields the fruit
Poetry provides words
Where it puts its verities

The tree gives the husk
Poetry gives the wrinkles
Of time at full gallop

The tree gives its leaves
Poetry in its visions gives
The garments of life and of death

Passarinhos

Eram passarinhos
No frescor dos sonhos,
Na lã da aurora.

Eram passarinhos
Que bicavam as frutas
Nas manhãs maduras.

Eram passarinhos
De cantares afoitos
No arco-íris das ruas.

Eram passarinhos
Dispersos nas penas
Das rações duras.

The Little Birds

They were little birds
In the prime of dreams
In the wool of dawn

They were little birds
Which pecked the fruit
In the ripe mornings,

They were little birds
In their daring early trills
In the rainbow of the roads.

Little birds they were
Dispensed by their feathers
Of hard rations,

Devastação

I

Vem das cinzas
Essa flor sonora
Que a agonia gera.
Horas de amor,
Anos de chuva,
Minúsculos dramas.
A fome persistente
De tal sorte escoa
O instante de terror.
Escuta: o riso insano
Cobre os tocos,
Penas verdes e azuis
Da ópera que soa
Sem fragrâncias.

Devastation

I

It comes from cinders
That sonorous flower
That breeds agony
Hours of love,
Years of rain
Minute dramas.
Hunger persists
In such a way it drains
The instant of terror.
Listen:the insane laughter
covers the burned stumps
Green and blue feathers
Of the opera
With no fragrance

II

Pia no mato neste verão
Chamando o macho
Ou por estar em extinção?
Quem tanto amor viveu
Recua sem as flores
Onde tomba a aurora.
A vida estava aqui e ali,
O rio sem morrer de sede,
A terra debaixo da nuvem..
Vento que sopra sombras
É apenas uma forma
Da arma do crime.
Verso do bicho único
Virando fera do nada,
Sofredor de um mal
Que nele caminha soberbo.
De mais vítimas soubesse
Para soterrar os verdes e azuis
Até o último gemido.

II

This summer it moans in the woods
Calling the male.
Or is it because it's in extinction?
One who loved so much
Now draws back without the flowers
Towards the dawn that is tumbling down.
Life was here and there,
The river not dying from thirst,
The earth beneath the cloud,
The wind blowing shadows,
Only one form
of the weapon of the crime.
The reverse of a sole animal
Turning into a wild beast of nothing,
Sufferer from an evil
That progresses superbly within him.
Should he have known about more victims
To bury the greens and blues
To the last groan.

A CRÍTICA

“Um escritor que carrega dentro de si, para transformar em literatura, a epopéia e o mistério da terra grapiúna... Tem, no entanto, sua personalidade, sua marca, seu acento e um hálito de vida que dá permanência à sua criação”.

Jorge Amado, romancista, membro da Academia Brasileira de Letras.

“Um poeta premiado e contista, desenvolve sua obra no chão da cidade onde nasceu, Itabuna, Bahia, no coração da região que se tornou famosa com os romances de Jorge Amado. Poemas simples, mas bem construídos, de seu *Cancioneiro do Cacau* são traduções de um fluxo que apresenta uma paisagem recriada com os rios locais, flora, fauna, cidades, colheitas, profissões, igrejas, além do populário, e que, a um só tempo, aflora da imaginação e ultrapassa os limites do regionalismo”.

Beacons, número 9, Revista da Associação de Tradutores Americanos e Departamento de Inglês, SUNY Plattsburgh, Plattsburgh, NY, USA, Editor Alexis Levitin, 2003.

“Baiano nascido em Itabuna, na região cacaueira, Cyro de Mattos é contista, cronista e poeta. Autor de 28 livros que receberam elogiosas críticas de Jorge Amado, Eduardo Por-

REVIEWS

“He is a writer who turns the epic and mystery of the grapiúna region into literature... He has, however, his own personality, his personal imprint and diction, and also a breath of life which makes his creation endure”.

Jorge Amado, novelist and member of the Brazilian Academy of Letters.

“A prize-winning poet and short story writer, focuses his work on his home city of Itabuna, Bahia, in the heart of cocoa-growing region made famous in novels by Jorge Amado. The simple but well wrought poems of *Cancioneiro do Cacau*, from which the translations in this issue were drawn, portray the local rivers, flora, fauna, towns, crops, workers, churches, and folklore, while rising through imagination beyond the limits of regionalism”.

Beacons, Number Nine, Magazine of American Translators Association and Department of English, SUNY Plattsburgh, Plattsburgh, NY, USA, Editor Alexis Levitin, 2003

“Né à Itabuna, dans la région de Bahia, Cyro de Mattos est conteur, chroniqueur, et poète auteur de 28 recueils donnant lieu à d'heureuses critiques de Jorge Amado, Edu-

tella e Assis Brasil. De seu último livro, *Vinte Poemas do Rio*, podemos dizer que reflete uma das mais profundas lembranças da alma sobre as estações íntimas de uma época”.

Cahiers de Poesie Jalons, numero 84, Vichy, France, editados por Christiane e Jean-Paul Mestas, 2006.

“Mas não globalizemos mais o localismo que é também a cultura norte-americana, pois o mundo precisa é de globalizar outros localismos, como diria o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Há que *desnaturalizar* o real se queremos alternativas. Daí que a localização de vozes como as de Cyro de Mattos sejam hoje em dia cada vez mais importantes, pois nos ensinam a diversidade dos lugares da terra em que nós vivemos, nos obrigam a refletir sobre inocências que por lá se perderam, nos ajudam a conviver com a experiência que deles se fez presença em outros lugares em que nos reconhecemos e em que decerto voltaremos a perder – levando-se sempre conosco essa riqueza imensa dos lugares em que se foi “tomando forma”, nesse rio simultaneamente definitivo e enigma, metáfora de toda a existência”.

Graça Capinha recebeu o Ph. D. da Universidade de Coimbra, Portugal. É a diretora da revista *Oficina de Poesia* (*Poetry Workshop*), publicada pelo Diretório da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra.

ardo Portella et Assis Brésil. Du dernier né – *Vingt Poèmes du Fleuve* -; on peut dire qu'il reflète l'un des plus profonds regards d'âme sur les saisons intimes de l'époque” .

Cahiers de Poesie Jalons, numero 84, Vichy, France, dirigés par Christiane et Jean-Paul Mestas, 2006

“But let us not *globalize* any further the *localism* that the North-American culture is too, for the world needs to *globalize* other *localisms* instead, as the Portuguese sociologist Boaventura de Sousa Santos argues. One must *denaturalize* the real if new alternatives are going to be possible. That is why I believe that the voices like Cyro de Mattos' voice are so important nowadays. They do teach us the diversity of places on earth, they make us think about the innocences that were once lost in them, they help us understand and live with the experience that makes those places a presence in other places where we will *recognise* ourselves and where we will surely be lost again — carrying with us the immense richness of the places from where we “were formed”, in that river, which is simultaneously definite and a riddle, a metaphor for the whole of the existence”.

Graça Capinha received a Ph. D. from Coimbra University, Portugal. She directs the poetry magazine *Oficina de Poesia* (*Poetry Workshop*): published by the Directive Board of the Faculty of Letters, University of Coimbra

“Poesia de amplo horizonte histórico e existencial, articulada em lúcido espaço lírico, que evoca os mistérios da epopéia brasileira com grande poder de sugestão, sendo a tradução de Mirella Abriani.

Graziella Corsinovi, da Universidade de Genova,
Presidente do Júri do Prêmio Literário Internacional
Maestrale Marengo d’Oro, Genova, Itália.

“Em Cyro de Mattos poesia e humanismo social unem-se sem maior esforço.”

Carl Heupel, em *Moderne Brasilianische Erzähler/ Modernos Contistas do Brasil*, Walter-Verlag, Alemanha, 1968.

“Poeta de voz límpida como o seu rio, de música e sabedorias do silêncio”.

Carlos Nejar, poeta, membro da Academia Brasileira de Letras.

“Cativou-me a série de poemas sobre o rio de sua região e da sua vida. São úmidos, transparentes, móveis, como as próprias águas”.

Gerald Moser, escritor e professor de Literatura em universidade dos Estados Unidos da América.

“Poesia dagli ampi orizzonti storici ed esistenziali, articolata in lucidi spazi lirici, che evocano misteri ed epopee brasiliane di grande suggestione (anche nella traduzione di Mirella Abriani”.

Graziella Corsinovi, Della Università di Genova,
Presidente della Giuria Premio Letterario Internazionale
Maestrale Marengo d’Oro.

“Soziale Anklage und Fragmente reinster Poesie verbinden sich zwanglos” .

Carl Heupel, in *Moderne Brasilianische Erzähler*, Walter-Verlag, Germany, 1968.

“His clear voice is very much like his river – filled with music and with the wisdom of silence”.

Carlos Nejar, poet and member of the Brazilian Academy of Letters.

“I was moved by the series of poems about the river of his homeland and of his life. They are humid, transparent, fluid, like its very waters”.

Gerald Moser, writer and professor of Literature at university in the USA.

“Admirável poeta em vários sentidos, e muitas vezes os seus versos nos atingem profundamente como versos límpidos e de fascinante teor metafísico”.

Wilson Rocha, poeta e crítico de arte.

“*Rio Morto* é uma bela e nostálgica visão do que os homens estão fazendo hoje com o mundo em que lhes cumpre viver. É belo e doloroso esse poema... que os homens se sintam tocados por ele!”

Nelly Novaes Coelho, escritora e Professora-Assistente-Doutora de Literatura Portuguesa da USP.

“Lê-lo é partilhar dessa missão: a de eternizar em cada um a alma de um rio, de uma terra, de uma civilização. Mas, além disso, é reconhecer um pouco que seja da verdade humana, pungente de dor e de mistérios”.

Margarida Fahel, professora de Literatura Brasileira, Universidade Estadual de Santa Cruz, Sul da Bahia, Brasil.

“Qualidades fundamentais na expressão poética, como a precisão vocabular, a capacidade de síntese, certa musicalidade, a plasticidade das imagens, permeiam as peças de todos os seus livros, atingindo a marca máxima em *Vinte Poemas do Rio*”.

Samuel Penido, poeta e ensaísta.

“Astonishing poet in several senses, his poems are often deeply moving, with their lines of clear and fascinating metaphysical content”.

Wilson Rocha, poet and art critic.

“*Dead River* is a beautiful and nostalgic vision of what human beings are doing today with the world they have inherited. It is a beautiful and painful poem... let them be moved by it!”

Nelly Novaes Coelho, writer and professor of Portuguese Literature at the University of São Paulo (USP).

“To read him is to share in the mission of making eternal in everyone’s soul the soul of a river, a land, a civilisation. And, more than that, it is to recognise a little of the human truth pregnant with pain and mystery”.

Margarida Fahel, professor of Brazilian Literature at the State University of Santa Cruz, South Bahia, Brazil.

“Essential qualities in poetical expression, such as precision of vocabulary, a sense of economy, a certain musicality, the plasticity of images, are to be found in all his books, but they come to perfection in *Twenty River Poems*”.

Samuel Penido, poet and essayist.

“O Soneto do Rio Cachoeira constitui-se descrição lírico-filosófica do rio onde, harmonicamente, os vários níveis da estruturação refletem, na significação, o mistério do existir. A relação temporal do ontem “havia” e do amanhã “haveria” traduz, enfatizada pelos advérbios, a certeza da mudança do seu curso, do seu aspecto, da inexorabilidade do viver”.

Maria de Lourdes Netto Simões, escritora e professora de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz.

“É justamente certa irrealidade o que mais peculiariza as páginas deste livro cheio de emoção transbordante, incontida. Uma irrealidade de luz refletindo-se no rio espelho de sentimentos contraditórios, tão palpáveis no poema *O Menino e o Rio*. Poema simples, porém denso, onde o menino que ele foi se confunde com o rio pequeno, metáfora do mundo, certeza de que sempre haverá um amanhã, além do sonho...”

Reynaldo Bairão, crítico literário.

“O mistério dos rios sempre me atraiu, sempre me fascinou. Daí o inigualável encantamento que me proporcionou a leitura desses admiráveis *Vinte Poemas do Rio*... O que me interessa nesses pequenos poemas é toda essa magia e todo esse sortilégio que os circundam. O que me interessa é o rosto universal da infância

“The Sonnet of the Cachoeira River is a philosophical and lyrical description of the river in which its several levels of structure harmoniously reflect, in meaning, the mystery of being. The relation of yesterday’s “there was” and tomorrow’s “there would be”, stressed by adverbs, conveys the certainty of change in its course, in its aspects, in the relentless of living”.

Maria de Lourdes Netto Simões, writer and professor of Portuguese Literature at the State University of Santa Cruz.

“A certain unreality is precisely what gives the pages of this little book such an irrepressible emotion. It is that unreality, reflected on the river as a mirror of contradictory feelings, which is so tangible in the poem *The Little Boy and the River*. A simple but dense poem, where the little boy he was turns into the little river, metaphor of the world and confirmation that there will be tomorrow, beyond the dream...”

Reynaldo Barão, literary critic.

“I have always been attracted and fascinated by the mystery of rivers. That is why I felt so enchanted by the reading of those singular *Twenty River Poems*... The magic and the fairylike atmosphere around those poems are what I am interested in. What I find most compelling is the uni-

perdida, a busca da inocência perdida, a beleza do “*céu azul de nuvens mansas / a lua derramando prata / no areal deixado pela cheia.*”

Francisco Carvalho, escritor e poeta.

“Sábio construtor de sintagmas simples e comuns, Cyro de Mattos elabora o texto numa linguagem harmônica cuja semântica esbanja concisão, coerência e clareza. Na tessitura de seus ritmos, os sons imaginados a partir do borbulhar das águas. A sintaxe é suave e harmônica e o texto, rápido e compacto como se fosse um rio”.

Ruy Póvoas, poeta. Mestre em Letras Vernáculas na Universidade Estadual de Santa Cruz.

E vendo as águas do rio / E outras águas mais renhidas, / o poeta reinventa / O mistério de nossas vidas.

Afonso Manta, poeta.

“Os principais aspectos desse rio se misturam, nos poemas, às recordações da infância, e é por aí que Cyro de Mattos evita o perigoso confronto com os dois longos e excelentes poemas de João Cabral de Melo Neto: “O Cão sem Plumas” (1950) e “O Rio” (1954). Fazendo um grupo de poemas falar desse rio e da infância, Mattos constrói uma espécie de recuperação do tempo perdido, embora não à

versal face of lost childhood, the beauty of the *blue sky of gentle clouds / A moon pouring silver / on the flooded sandbank*”..

Francisco Carvalho, poet.

“Gifted craftsman of simple and common phrases, Cyro de Mattos builds his text with a harmonious language whose semantics is concise, coherent and clear. In the texture of his rhythms, sounds develop out of the murmur of waters. His syntax is gentle and harmonious and the text, fast and solid as a river”.

Ruy Póvoas, poet and professor of Vernacular Languages at the State University of Santa Cruz.

“Seeing the waters of the river / And other troubled waters, / The poet reinvents / The mysteries of our lives”.

Afonso Manta, poet.

“The main aspects of that river are mixed, in the poems, to childhood memories, and that is the way Cyro de Mattos avoids the dangerous confrontation with two long and excellent poems by João Cabral de Melo Neto: “O Cão sem Plumas” (1950) and “The River” (1954). By having a group of poems speak about that river and that childhood, Mattos builds a sort of recovery of the wasted

maneira de Proust, mas conciso na expressão e claro nas imagens que respondem pela eficácia poética do conjunto.”

Fernando Py, poeta e ensaísta.

time, although not in Proust’s fashion, but concisely and clearly in expression and imagery which respond for the poetical efficiency of the whole”.

Fernando Py, poet and essayist.

Museu Casa Verde

The Green House

Itabuna - Bahia - Brasil

